

## **A CORRIDA DO OURO NOS RINCÕES ANDINO-AMAZÔNICOS NO SÉCULO XXI: UM BREVE RELATO DO HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO, DOS CONFLITOS E DAS PRÁTICAS AUTONOMISTAS.**

*Eduardo Firak Cordeiro (UFSC)*

*Guilherme Tebet*

*Raoni Pena (UFSC)*

### **RESUMO ESTENDIDO**

A Bolívia está entre os países com maior megabiodiversidade. Esta situação lhe é conferida pois compreende 14,3% das aves mundiais, 8,98% de répteis e 7,5% de mamíferos. Um maior nível de biodiversidade concentra-se nos bosques úmidos e pluviais de montanha, os *yungas*. São 190 ecossistemas em todo o território com aproximadamente 40 ecorregiões, calcula-se que atualmente a superfície de bosques seja de 50 milhões de hectares, ou seja 47% do território nacional. Percebe-se dessa forma que, em termos de conservação total do patrimônio nacional, as áreas protegidas abarcam aproximadamente 30% do total da agrobiodiversidade boliviana. Estima-se que o número de espécies endêmicas seja mais de 2.000 e 80% disto encontra-se no interior das áreas protegidas.

No caso do Parque Madidi, com aproximadamente 2 milhões de hectares e mais de 8 patamares ecológicos, registra-se uma provável existência de mais de 1.000 espécies de aves, mais de 6.000 espécies de plantas e 200 espécies de mamíferos.

A região de Apolobamba, que compreendia um vasto território ao norte de que hoje é o estado de La Paz, situado a meio caminho entre o altiplano e a amazônia, era habitada pelos povos conhecido como Chunchos, diferenciando-os dos demais povos que habitavam a parte oriental do que hoje é território boliviano. Diversas etnias habitavam essa região, são elas: Lecos, Aguachiles, Uchupiamonas, Pamainos, Pasaramonas, Tarañonas, Pasionas, Zapalos, Chumanos, Camanavis, Suguitunas, Tacanas, Toromonas, Tipoanis, Maytapas, Mayamas, Mayas, Yumaronas, Muinas, Marquiris, Yuguimonas, Baichabas, Zuanas, Chiriguas e outras mais (Chavez, 1944:15).

É interessante observar que conforme os dados demográficos do Arquivo Nacional da Bolívia havia pouquíssimos originários nas comunidades de Apolo, Santa Cruz del Valle Ameno e Pata desde o início da república, região que passou a ser ocupada por grupos quechuas, descendentes diretos dos

Incas, que baixavam do altiplano. A base da produção de Apolo no início do século XIX consistia em coca, milho, arroz e demais produtos para autoconsumo e a quina (*cascarilla*) para exportação. Em Sta Cruz del Valle Ameno o tabaco também era produzido assim como Pata e Mojos. A crise da extração da *cascarilla* gerou um grande impacto na economia boliviana, principalmente nas regiões que dependiam da extração deste produto, tais comunidades voltaram-se para o mercado interno produzindo coca, tabaco e café e também atividades agrícolas relacionadas ao autoconsumo.

Outro momento importante na dinâmica regional foi o desenvolvimento da extração de borracha. Muitos foram trabalhar nesta atividade nas regiões do Rio Beni e Madre de Dios, e esse novo ciclo expansionista da região causou a migração de muitos de Santa Cruz, Pata e Moxos. Esta nova realidade colocou Apolo na rota do escoamento da borracha, tornando-o um importante povoado para a região. Porém, a concentração da produção e comercialização de um só produto significou também a concentração do poder econômico em uma determinada classe. Para a manutenção dos trabalhadores a carne de gado teve grande importância, e foi o transporte deste gado que possibilitou a manutenção de alguns caminhos da região.

Como todo grande ciclo relacionado com a exportação de um único produto primário, o auge e o crescimento logo vem seguido pela crise, e com a borracha não foi diferente. Em 1913 a conjuntura internacional leva a uma forte crise que teve fortes impactos locais, principalmente nas comunidades envolvidas, pois praticamente toda a população masculina havia deixado a agricultura e pecuária em favor da atividade extrativista. Aqueles que não abandonaram a província com a crise retomaram a agricultura e a pecuária, principalmente a exportação de coca ao Peru e a venda de equinos em Beni.

Nota-se que estes dois momentos de grande movimentação econômica não foram capazes de impulsionar a economia regional e tampouco deixou infraestruturas de herança, pois ainda hoje os caminhos são totalmente instáveis, principalmente nas épocas das chuvas. Esta marginalidade, fruto do distanciamento, deveria reforçar a relativa principalmente pela exportação de *cascarrila*, borracha, coca e mais recentemente o ouro.

Todas as comunidades dessa pequena região que visitamos (Santa Cruz do Vale Ameno, Pata, Apolo e Santa Rosa) estão de uma forma ou de outra relacionadas com a mineração. E reproduzem a lógica ocidental engendrada pela colonização. Primeiro com a exportação da quina, borracha, coca e atualmente a mineração. Seguem a mesma mentalidade de produzir ou explorar algo que possa ser vendido no mercado interno ou externo e que lhes permita o acesso a mercadorias industrializadas. Assim, nesta região, a vocação agrícola voltada a segurança alimentar é um projeto fracassado

Mesmo a criação de um Parque Nacional chamado MADIDI, que orgulhosamente o governo boliviano anuncia ser um parque com maior biodiversidade por hectare, compreendendo

ecossistemas altioplânicos e amazônicos, não foi capaz de engendrar um outro estilo de desenvolvimento. Todos habitantes locais que pudemos conhecer reconhecem que a atuação do governo através da SERNAP (órgão público encarregado da manutenção do Parque) é praticamente nula. Muitas comunidades há mais de anos não recebem a visita de um guarda-parque.

Assim que a retirada de madeira, exploração mineira e expansão das áreas de pastagem por cima da vegetação nativa são atividades que não sofreram nenhuma modificação desde que a região foi declarada como Parque Nacional. Há um conflito entre o interesse nacional de preservação ambiental, e o interesse local de desenvolver atividades rentáveis. Infelizmente, desde sua criação, o SERNAP não conseguiu oferecer às comunidades uma possibilidade concreta de fazer lucrativa alguma atividade ecologicamente sustentável, assim que a população continua com as práticas mais rentáveis economicamente (ouro e coca), que geram grande impacto no ecossistema e na cultura local.

Ao sul do que é hoje Apolo, está ocupado historicamente pela etnia *Lekos*. Tal ocupação remonta aproximadamente mil anos, hoje mantém algumas danças, comidas e tradições originárias e encontra-se num processo de maior resgate cultural, levado a cabo pela CIPLA (Central Indígena de Pueblos Lekos de Apolo). Através da pesquisa histórica baseada em fontes documentais e orais o povo *Lekos* vem afirmando sua identidade e denunciando os séculos de exclusão e marginalização que sofreram. Atualmente estão reconstruindo a língua autóctone para ser ensinado nas escolas das comunidades.

Pode se dizer que a introdução do sistema econômico imposto pelos espanhóis deu-se através da exploração indígena, levada à servidão tendo como único “direito” lavrar pequenas parcelas de terra para a sobrevivência. Atualmente a estrutura agrícola boliviana é resultado de três fatores: as tradições herdadas dos Incas, as consequências da Reforma Agrária de 1953 e a chegada da agricultura de mercado.

O histórico de ocupação já demonstra um território marcado pela espoliação e submetimento, e os conflitos existentes são frutos das ações exógenas no passado. A busca pela afirmação da identidade cultural, num processo histórico de reconhecimento do indígena na constituição da nação boliviana, tem encontrado sucesso em diversos casos no entanto esbarra principalmente no tema terra e autonomia.

## **Referências**

Arismendi, Marco O. R. Diversidad global, em Bolivia y em las Áreas Protegidas. In: Revista Sernap/MDS, septiembre/2005. La Paz: Bolivia.

Dudley, Meredith. Intermediation, Ethnogenesis and Landscape Transformation at the intersection of the Andes and the Amazon: the historical Ecology of the Lecos of Apolo, Bolivia. IN: Alexiades, Miguel N. (ed.). *Mobility and migration in indigenous Amazonia: contemporary ethnoecological perspectives*. Berghahn: EUA, 2009.

Galeano, Eduardo, 1970, *Las venas abiertas de Latinoamérica*, Editado por Siglo XXI, México  
Luisa Sioux, M. Coupolicán en el Siglo XIX: estructura agraria de la Provincia. IN: Luisa Sioux, M.; Quiroga Gismonda, R.; Jimenez, L. De Los Angeles Cardenas and Hilari (eds) Apolobamba, Coupolicán, Franz Tamayo: Historia de una región paceña. La Paz: prefectura del departamento de La Paz, pp.83-129.